

IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL E AS FRONTEIRAS FÍSICAS, PSÍQUICAS E CULTURAIS

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho¹

Resumo: Neste texto busco discutir a imigração haitiana para o Brasil, levando em consideração dois aspectos específicos: (i) a fronteira psíquica e cultural que existe acerca do distanciamento do Haiti em relação a demais países, como por exemplo, o Brasil; e (ii) a fronteira física em relação ao trajeto que os imigrantes haitianos realizam até chegar ao Brasil principalmente pela cidade de Assis Brasil que corresponde a fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia. Como metodologia deste texto, utilizo um livro de literatura intitulado “Falhas” da escritora haitiana Yanick Lahens que escreveu sobre experiências vividas pela população haitiana após o terremoto de janeiro de 2010; discuto também a partir de entrevistas realizadas entre os anos de 2016 à 2019 com haitianos que vivem na cidade de Cascavel-PR acerca de: suas histórias de vida, de imigração e de trabalho, buscando sintetizar não apenas a imigração mas o aspecto da emigração. A partir de tais evidências, apresento neste texto que além das fronteiras físicas, as fronteiras estabelecidas no imaginário popular acerca de imigrantes de um país pobre, localizado naquilo que a sociologia do trabalho definiu como “periferia” do capitalismo, possuem fortes implicações em suas vidas, seja no percurso realizado para chegar até o Brasil que destacam as dificuldades como: fome, sede e a busca pela sobrevivência ou também nas experiências de trabalhos extenuantes e precários que se obrigam a realizar para manter não apenas sua própria sobrevivência, mas a de sua família que permaneceu no Haiti e aguarda o dinheiro enviado mensalmente.

Palavras-chave: Imigrantes. Trabalho. Fronteiras. História Oral.

MIGRACIÓN HAITIANA A BRASIL Y LAS FRONTERAS FÍSICAS, PSÍQUICAS Y CULTURALES

Resumen: En este texto busco discutir la inmigración haitiana a Brasil, teniendo en cuenta dos aspectos específicos: (i) el límite psíquico y cultural que existe sobre el desprendimiento de Haití de otros países, como Brasil; y (ii) la frontera física en relación con el camino que toman los inmigrantes haitianos para llegar a Brasil, principalmente a través de la ciudad de Assis Brasil, que corresponde a la frontera de Acre con Perú y Bolivia. Como metodología de este texto, utilizo un libro de literatura titulado "Fracasos" del escritor haitiano Yanick Lahens, quien escribió sobre las experiencias vividas por la población haitiana después del terremoto de enero de 2010; También hablo de entrevistas realizadas entre 2016 y 2019 con haitianos que viven en la ciudad de Cascavel-PR sobre: su vida, inmigración e historias de trabajo, buscando sintetizar no solo la inmigración sino también el aspecto de la emigración. A partir de esta evidencia, presento en este texto que más allá de los límites físicos, los límites establecidos en la imaginación popular sobre los inmigrantes de un país pobre, ubicados en lo que la sociología laboral ha definido como la "periferia" del capitalismo, tienen fuertes implicaciones para sus vidas. , ya sea en el viaje para llegar a Brasil que resalta las dificultades como el hambre, la sed y la búsqueda de la supervivencia o también en las experiencias de trabajo extenuante y

¹ Doutoranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Vinculada à Linha de Pesquisa de Trabalho e Movimentos Sociais. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Email: joochieda@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4210-2027>

precario que se ven obligados a hacer para mantener no solo su propia supervivencia, sino la suya. familia que permaneció en Haití y espera el dinero enviado mensualmente.

Palabras clave: Inmigrantes. Trabajo. Fronteras. Historia oral.

HAITIAN IMMIGRATION TO BRAZIL AND THE PHYSICAL, PSYCHIC AND CULTURAL BORDERS

Abstract: In this text I seek to discuss Haitian immigration to Brazil, taking into consideration two specific aspects: (i) the psychic and cultural boundary that exists about the detachment of Haiti from other countries, such as Brazil; and (ii) the physical border in relation to the path that Haitian immigrants take to reach Brazil, mainly through the city of Assis Brasil, which corresponds to the Acre border with Peru and Bolivia. As a methodology of this text, I use a literature book entitled "Failures" by Haitian writer Yanick Lahens who wrote about experiences lived by the Haitian population after the January 2010 earthquake; I also discuss from interviews conducted between 2016 and 2019 with Haitians living in the city of Cascavel-PR about: their life, immigration and work histories, seeking to synthesize not only immigration but the aspect of emigration. From this evidence, I present in this text that beyond the physical boundaries, the boundaries established in the popular imagination about immigrants from a poor country, located in what labor sociology has defined as the "periphery" of capitalism, have strong implications for their lives. , whether on the journey to reach Brazil that highlights the difficulties such as hunger, thirst and the search for survival or also in the experiences of strenuous and precarious work that they are forced to do to maintain not only their own survival, but their own. family who remained in Haiti and awaits the money sent monthly.

Keywords: Immigrants; Work; Frontiers; Oral history.

Apresentação

Em 12 de janeiro de 2010 era noticiado em diversos jornais do mundo a tragédia no Haiti. O terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter destruiu cerca de 250 mil casas, 30 mil prédios, ocasionou 1 milhão de desabrigados e 230 mil mortos e mais de 300 mil pessoas ficaram feridas (STEINMAN, 2011).

Se por alguns instantes o Haiti esteve sobre a centralidade de nossos olhares e diversos países como: Estados Unidos, Brasil, Cuba, dedicaram-se em reunir auxílio para este país que estava devastado, anos depois, o Haiti permanece com dificuldades devido a catástrofe. Conforme pontuou Jean² em 2018, "minha família que está no Haiti ainda vive sobre os destroços que o terremoto causou". Deste modo, poderíamos supor que Jean imigrou por causa do terremoto de 2010, no entanto, após entrevistar Jean e demais

² Os nomes que utilizo para destacar os entrevistados são fictícios, porém, escolhidos pelos próprios haitianos. Quando os entrevistei, solicitei que escolhessem um pseudônimo haitiano.

haitianos, pude identificar que o motivo principal que ocasiona a imigração, está acima dos efeitos causados pelo terremoto, trata-se da luta pela sobrevivência.

Na lista do Índice de Desenvolvimento Humano o Haiti está entre os países com maiores dificuldades, ocupa a posição 168º de 187º (Exame, 2015)³. Coggiola (2010) destacou que um trabalhador haitiano recebia em 2010 menos do que um trabalhador chinês, e a maioria das famílias haitianas sobreviviam diariamente com menos de dois dólares por dia, cerca de 24% da população encontrava-se em miséria extrema.

Sendo assim, neste artigo busco discutir elementos para compreender que as fronteiras estabelecidas em relação ao Haiti e aos haitianos, perduram há séculos e é resultante do caráter revolucionário da independência do país.

Na primeira parte do texto apresento as fronteiras em relação aos haitianos quando ainda estavam no Haiti, baseando-me como fonte de análise a obra “Falhas” da escritora haitiana Yanick Lahens. Na segunda parte deste texto, identifico como os haitianos buscam sobreviver no trajeto que executam até chegar no Brasil, de modo a ultrapassar diversas fronteiras físicas, psíquicas e culturais.

A fronteira que perdura séculos

Embora pouco se estude nas aulas de História acerca do Haiti, este país durante o século XIX, mais especificamente entre 1791 e 1804 foi palco de um dos eventos históricos mais importantes do mundo: o grito pela liberdade e independência conquistado pela população negra em libertar-se das amarras da escravidão.

Além disso, o professor Handerson Joseph destaca que:

No início do ano de 1830, judeus de todo o mundo, inclusive da Polônia, Líbano, Síria e Egito, encontraram refúgio no Haiti. Eles ouvem sobre a terra da Liberdade, leem artigos publicados pelos principais jornais da época, segundo os quais basta pisar o solo haitiano para ficar livre para sempre enquanto são perseguidos na Europa⁴.

O Haiti representava liberdade, liberdade da qual estava distante para alguns países em ser alcançada, como era o caso do Brasil que vivia um período intenso de

³ <https://exame.abril.com.br/mundo/conheca-melhor-o-haiti-pais-mais-pobre-das-americas/>

⁴ Disponível em <https://profileayiti.blogspot.com/2019/11/comment-haiti-sauve-les-juifs.html?fbclid=IwAR2pnPZCq6yu-vmHWBYegYea0naCAPgy1DnjXyE8UFVCIxLwxODSvjNIRpY>

escravidão. Além disso, Joseph (2019) destaca que se hoje o mundo enxerga o Haiti como um país de emigração, durante o século XIX, este país acolhia com generosidade e solidariedade históricas pessoas do mundo inteiro, sem que existisse normas mundiais que exigissem tal acolhimento, como no caso de 2019 em que mesmo existindo normas em relação aos refugiados, há países que não as cumprem.

É importante destacar tais aspectos, pois, a visão que se tem do Haiti hoje é de um país economicamente falido, sem que o Estado consiga fornecer o mínimo de condições dignas para a maioria da população. No entanto, pouco se busca aprender sobre o processo histórico que implantou essa fronteira estabelecida no imaginário popular que também abrange aspectos físicos.

O Haiti durante o século XVIII e parte do XIX, destacava-se como uma das principais colônias de produção do açúcar da qual cerca de meio milhão de escravos eram responsáveis pelo trabalho nos engenhos. Essa população sofriam as mais variadas formas de tortura e maus-tratos, de modo que qualquer reclamação era o suficiente para que fossem mortos.

Como podemos então, procurar um sentido lógico para a decadência econômica do Haiti? A questão elaborada por Gorender auxilia pensar neste aspecto “como explicar então que não tenha tido uma trajetória progressista, mas, ao contrário, se tornasse o país mais pobre do continente, talvez um dos mais pobres do mundo?” (2004, p.1)

É necessário buscar aspectos do processo histórico para responder tal questão. Em 1791 iniciou-se a rebelião dos escravos que foi responsável por matar parte dos proprietários de terra que exploravam o trabalho da população. Como principal líder destacou-se Toussaint L’Ouverture.

Após organizar um exército de ex-escravos, Toussaint derrotou os franceses e os espanhóis que buscavam estabelecer um novo domínio no local. Este líder acreditava que Napoleão Bonaparte faria acordo com a população haitiana, no entanto, foi preso e exilado e mesmo sem a sua liderança principal, os haitianos continuavam vitoriosos nas batalhas contra os franceses.

Em novembro de 1803 os jacobinos negros, conforme ficaram conhecidos através da obra de Cyril Lionel Robert James (2010) estabeleceram uma declaração do que se tornaria no próximo ano a Independência do Haiti. No entanto, por tamanha conquista, o Haiti foi colocado à margem da economia sob os demais países.

Segundo Gorender,

Quando exilado, Simon Bolívar encontrou abrigo no Haiti, onde recebeu de Pétion proteção, ajuda financeira, dinheiro, armas e até uma prensa tipográfica. No entanto, Simon Bolívar excluiu o Haiti dos países latino-americanos convidados à Conferência do Panamá, em 1826. O isolamento internacional acentuou o atraso e agravou as dificuldades históricas, após uma das mais heroicas lutas emancipadoras do hemisfério ocidental. (GORENDER, 2004, p.8)

A partir desta breve síntese sobre a fronteira construída em relação ao Haiti, devido sua própria história, é possível de compreendermos que as dificuldades vividas pela população haitiana não são resultantes apenas de desastres naturais. Por isso, recuperar este aspecto histórico permite-nos pensar sobre como as relações de bloqueio econômico que perduram há séculos com o Haiti, fizeram com que de um país de economia próspera, ocupasse os piores índices de desenvolvimento humano.

Para destacar demais aspectos históricos sobre o Haiti, utilizarei uma obra literária denominada “Falhas” da escritora haitiana Yanick Lahens.

Ao propor a interdisciplinaridade entre a História e a Literatura, Pesavento (2003) salientou que a concepção de ambas disciplinas é a construção de uma narrativa visando desvendar uma trama. Além disso, o passado surge como uma representação para ressignificar uma ideia do presente. Portanto, a narrativa histórica e a narrativa literária apresentam uma configuração de tempo e o que as distingue trata-se do compromisso de cada narrativa com a realidade dos fatos.

Compreendido tais afirmações, a obra de Lahens serve como um testemunho sobre o antes e o depois do terremoto no Haiti de 2010. Além de apresentar dados importantes sobre o país, originados de uma pessoa que convivia de perto a realidade haitiana. Lahens promove uma relação intrínseca entre a História e a Literatura proporcionando que a interdisciplinaridade de seu texto não deixe dúvidas do quão importante ambas disciplinas são para resgatar o passado do Haiti visando compreender o seu presente.

Para além de um discurso de perdas físicas, Lahens destaca situações que não estiveram inertes para o povo haitiano.

Escrever para repatriar a desgraça ao lugar que lhe cabe. O centro. Porque o que se abateu sobre nós no dia 12 de janeiro não é uma desgraça de periferia, uma desgraça do “quarto mundo”. É uma desgraça de primeiro mundo, assim como o de todos os outros. (...) O mundo se debruçou, generoso, e balbuciou as primeiras palavras de uma solidariedade que anunciava nova. Bastou descerrar os olhos e ela já assumia os traços claros da antiga. Os grandes

pássaros de rapina, tão ávidos pela morte que serve de repasto, já abriram as asas. A bela toalha branca dos festins já foi estendida por cima da falha. (LAHENS, 2012, p. 12)

O que Lahens chama atenção em seu texto está para além da ineficiência do Estado haitiano em se reerguer após o terremoto, a autora salienta a falta de colaboração de outros países que enalteciam discursos de ajuda humanitária, entendendo-os como falácias, visto que a desgraça haitiana era o que possibilitava que estruturalmente o Haiti fosse dependente de demais países imperialistas.

Deste modo, mesmo depois de anos após o terremoto o caos ainda permaneceu no Haiti. Lahens discute em sua obra as dificuldades vivenciadas por aqueles que sobreviveram a tragédia e destaca o que sobrou do terremoto: sonhos destruídos, casas destroçadas, familiares e amigos mortos.

Semelhante aos aspectos que a autora narra, Wladimyr me contou sobre a dificuldade em prosseguir com sua vida de professor no Haiti. Por isso, após procurar saídas viáveis, entendeu que a imigração significaria uma nova chance não apenas para ele, mas para toda sua família que havia sobrevivido ao terremoto.

Eu decidi imigrar pela minha família né? Porque pra mim era muito difícil sair de lá, eu trabalhava e ajudava a ter comida em casa. Mas quando falei para os meus pais, eles acharam que isso era o melhor, aí eu me animei. Do resto da história, você já sabe... dificuldade e só dificuldade! (WLADIMYR, 2016)

No próximo item, busco discutir a experiência de Benjamin e demais haitianos que buscaram romper com as fronteiras, imigrando para o Brasil em busca da oportunidade de trabalho para sobreviver e auxiliar os familiares que permaneceram no Haiti.

As fronteiras físicas: quando a imigração se torna uma escolha

A narrativa de Wladimyr e de outros imigrantes haitianos me permitem afirmar que a decisão de imigrar para o Brasil não é uma escolha simples. Não se trata de dormir e ao acordar organizar as malas e esperar o próximo voo. Se a dificuldade em sobreviver no Haiti é corriqueira, conforme já pontuado neste texto, cabe-nos o questionamento acerca de como pessoas como Wladimyr conseguiram imigrar.

Por não se tratar de aspectos homogêneos, existem diversas formas de realizar a imigração, elencarei três das que foram mais comuns nas entrevistas realizadas com estes imigrantes: a primeira trata-se da família no Haiti que se reúne e consegue juntar o dinheiro suficiente para a realização da viagem. Em casos como o de Jean, seu pai vendeu a casa em que morava para que fosse possível que seu filho imigrasse; a segunda maneira foi narrada por Mike, ainda corresponde as redes de sociabilidade familiares, seus irmãos mais velhos que já haviam imigrado para o Canadá e para os Estados Unidos, mandaram dinheiro suficiente para que Mike conseguisse sair do Haiti, mesmo que não fosse para encontra-los nos Estados Unidos e Canadá, mas segundo Mike o mais importante era “sair do Haiti”. E por terceiro, apresento a maneira considerada como mais perigosa, porém, comum aos imigrantes que são as redes ilegais de tráfico.

Sobre a vinda organizada pelas redes ilegais,

Raketè é um sujeito fundamental que age no contexto da *dyaspora*. É alguém contratado ou que se oferece para intermediar o processo de traslado de uma pessoa ou grupo de um país a outro. Um *raketè* sempre cobra por seus serviços e sempre recebe. É uma categoria em ação transnacional. Às vezes, *raketè* é chamado de *ajans*, pode ser uma agência de turismo ou de viagens, ou pessoa que presta serviços burocráticos, trabalha com venda de passagens, câmbio de moedas, agiotagem, serviços consulares para documentação em processos migratórios, emissão de documentos no país, venda de vistos falsos, etc. (CONTINGUIBA, COTINGUIBA, 2016, p.177).

Por não ter dinheiro para imigrar, Wladimyr recorreu ao *raketè*. O contexto detalhado por Wladimyr corresponde ao de uma vida no Haiti em que mesmo antes do terremoto não conseguiria juntar dinheiro o suficiente para imigrar. Quando optou por seguir destino ao Brasil, foi porque não conseguia enxergar no Haiti uma condição de vida melhor para si e para seus familiares. Por isso, não deve ser tomada como uma decisão individual.

Assim como, (MAMED, 2016), (COTINGUIBA, 2014), (BORTOLOTO, 2019) escreveram em seus trabalhos, para compreender a imigração haitiana para o Brasil, é necessário pensar além dos que partiram, mas também sobre os familiares que ficaram no Haiti.

Wladimyr narrou que quando conversou com sua família sobre sua decisão, procurou um *raketè* direcionado por um amigo que já havia imigrado. Em menos de um mês, Wladimyr estava com sua mochila pronta para vir ao Brasil. Disse-me que mesmo

optando pela rede ilegal precisou fornecer uma parcela de dinheiro como “garantia” de pagamento do trajeto.

Este sistema de agiotagem já foi pesquisado por demais autores como Martins (2014) e constatado que os haitianos se endividam entre U\$3000 à U\$6000 dólares norte-americanos para a viagem até o Brasil, o que chega a ser considerado como o dobro do que gastariam legalmente. No entanto, conforme pontuei acima, a vida que Wladimyr levava juntamente com sua família no Haiti, o impossibilitava de imigrar legalmente.

As inúmeras dificuldades que Wladimyr relatou e que pretendo sintetizar neste texto, foram alvo em 2012 da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) que solicitou à ABIN (Agência Brasileira de Inteligência) a investigação dos “coiotes” que atuavam desde a saída no Haiti, até a chegada dos haitianos tanto pelo Acre quanto pela Amazônia. Entre as considerações destacadas pela comissão, constam que além de haitianos foi descoberto brasileiros envolvidos nas redes ilegais.

Wladimyr contou que entre as situações que precisou viver na viagem, o sentimento de morte foi o mais presente. “Ainda hoje quando fecho os olhos, eu sinto como se há qualquer momento eu fosse morrer!”. Ao passar à margem de países como Equador e o Peru, Wladimyr e demais haitianos que estavam em seu grupo dirigido por um coiote eram pressionados à passarem despercebidos pelos postos de fiscalização.

“Eu fiquei dois dias sem comer nada. Eu tinha medo de gastar o pouco de dinheiro que eu tinha trazido e encontrar um policial no Peru e não ter dinheiro pra dar pra ele”, segundo Wladimyr, o coiote que estava responsável por sua imigração já havia informado que se encontrassem a polícia, deveriam dar-lhes dinheiro para que fosse possível prosseguir a viagem.

O que dificultava segundo pontuou Wladimyr, era o fato de que o coiote não estava com o grupo de imigrantes todo o tempo. Segundo Wladimyr, haviam trechos que eram direcionados a percorrer sozinhos e o desespero aumentava ainda mais por saber que não havia como ter a certeza de que estavam no caminho certo, aliado ao fato de não saber se poderiam confiar em quem havia lhes dito o caminho.

Semelhante com a narrativa de Wladimyr, Benjamin me contou que “quando a gente chegou na cidade de Trujillo no Peru né? O cara do carro disse que como a gente era em nove pessoas, ia cobrar mais caro. Eu tinha dinheiro pra pagar minha parte, mas tinha outros que não tinham mais”.

O contexto narrado por Benjamin, trata-se de Trujillo até Lima, cerca de 550 km de distância e cerca de oito horas e vinte minutos de carro. Se Benjamin tivesse que percorrer esse trecho a pé, aumentava para 747 km dos quais gastaria cerca de cento e sessenta e duas horas para percorrer! Benjamin me disse que não fazia ideia da dificuldade de ter que percorrer um trecho desta distância, mas que se não tivesse conseguido uma carona com um grupo de ônibus de haitianos, “eu teria que fazer! Não tinha pra onde ir! Podia morrer, mas ia ter que tentar!”

Estes são alguns dos embates vividos pelos haitianos para conseguir chegar até o Brasil, dos quais suas vidas estiveram em constante ameaça. Ao questionar Wladimyr e Benjamin sobre o que impossibilitou que conseguissem adquirir o visto humanitário no Haiti, me disseram que dentre as exigências, poucas eram as que se tornavam possíveis no contexto em que viviam no país.

Ao pesquisar sobre as regras, encontrei que:

Para se candidatar à permissão, o postulante deve ter passaporte em dia, ser residente no Haiti (o que deve ser comprovado por atestado de residência) e apresentar atestado de bons antecedentes. Com todos os documentos em mãos, deve ainda pagar US\$200 dólares para a emissão do visto. Segundo dados da Embaixada brasileira em Porto Príncipe, em fevereiro de 2012 foram concedidos apenas 30% dos 100 vistos mensais permitidos pela resolução. (FERNANDES, FARIA, 2016, p.102).

Wladimyr me disse que ao procurar na embaixada quais eram os documentos necessários parou de ler quando uma das primeiras exigências era ter residência comprovada no Haiti, “como vou provar isso? Eu morava com meu pai que perdeu tudo, até a casa com o terremoto!”

Deste modo, a vinda para o Brasil em busca de conseguir retirar o visto humanitário nas fronteiras brasileiras é constante nas narrativas dos haitianos. No entanto, as fronteiras não deixam de ser vividas, pelo contrário, ao atravessar as dificuldades narradas acima, chegar ao Brasil exige lidar com demais adversidades, além das físicas as do imaginário popular.

Para além das fronteiras físicas: aspectos psíquicos e culturais

“A gente sente muito medo das fronteiras né?” destacou Benjamin quando relembrou que mesmo ao sentir medo, se sentia feliz por ter sobrevivido para conseguir

enxergar os taxistas brasileiros que os levariam para atravessar a fronteira até chegar na cidade de Assis Brasil no Acre.

Segundo Mamed:

No Posto Alfandegário de Assis Brasil, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia, os imigrantes se apresentavam ao serviço de controle migratório da Polícia Federal para registrar em seus passaportes a data de ingresso em território brasileiro. Após isso, pela mesma rodovia Interoceânica, seguiam até as cidades gêmeas de Epitaciolândia e Brasileia, onde existe a delegacia de Polícia Federal responsável pela região de fronteira, unidade na qual davam entrada à solicitação de refúgio. Até abril de 2014, estava sediado na cidade de Brasileia o acampamento público de acolhida aos imigrantes. Entretanto, após a mudança dessa estrutura de serviço para a capital do estado, depois de passarem pela Polícia Federal, eles se dirigiam até o novo endereço do abrigo, localizado na cidade de Rio Branco. (MAMED, 2016, p.12)

Assim como Benjamin narrou, Wladimyr me disse que se sentia vitorioso em ter conseguido chegar ao Brasil depois de passar por tantas dificuldades. “Era a luz no fim do túnel né? Pelo menos eu pensava que era (risos)”. O relato de Wladimyr permite evidenciar que mesmo após a travessia, houve desafios tão difíceis quanto os vividos durante a viagem.

As fronteiras são representativas, pois, mesmo quando deixam de existir fisicamente, persistem no imaginário popular. Essas separações foi uma construção do Estado moderno em busca de segregar aquilo que é diferente. Além disso, Stuart Hall (2005) chama atenção para a implicação que as fronteiras têm acerca da identidade das pessoas, surgem para construir uma ideia de nação que parece ser natural, mas que é construída historicamente e sustenta-se no pressuposto de “nós, somos diferentes deles”. Na última década as fronteiras em relação aos haitianos, venezuelanos, senegaleses, bolivianos, têm se tornado cada dia mais presentes e difíceis de serem corrompidas no Brasil.

É importante salientar que as fronteiras, principalmente em relação aos países relacionados acima, não correspondem apenas ao momento de travessia entre os lados. O historiador camaronês Achille Mbembe⁵ destacou que a fronteira é sobretudo como “controlar os corpos, mas também o movimento”, e no caso dos grupos citados, recebe

⁵ https://revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/?fbclid=IwAR2UMA4_1mZ1_g_HBRDlRTehp2tpSbItFNqy_1V576yV4H1gjbJyagapWX4

um caráter ainda mais controlador, pois, são estigmatizados e portanto, não se tornam apenas invisíveis, mas contestados.

Segundo Mamed (2016) o Acre foi o Estado pelo qual mais entraram imigrantes haitianos entre 2010 e 2015. Por isso, o grande fluxo de imigrantes fez com que o governo acreano tivesse que organizar um acampamento de acolhimento.

Wladimyr relembra sua trajetória no acampamento em 2012 e destaca “fiquei alegre por encontrar tantos haitianos, mas depois fiquei desesperado. Pra onde íamos todos nós? Será que tinha passado por tudo isso pra ficar dependendo de ajuda?” Wladimyr destacou que havia dificuldade em torno do acampamento acreano, pois, a quantidade de haitianos que ali estavam era muito maior do que o local poderia suportar. Além disso, há relatos de pesquisadores que estiveram no acampamento que destacaram:

A noite vimos que a acomodação no local era impossível, dado o número de pessoas e a capacidade do lugar, e por isso, revezavam-se nos poucos colchões e os demais pelos bancos da praça para dormirem, ou (...) esperavam para descansarem durante o dia (CONTIGUIBA, 2016, p. 180).

Por isso, devido as dificuldades vividas no acampamento, Wladimyr me disse que “quando não havia mais o que fazer, quando eu estava morrendo de vontade de comer e não tinha nada disponível no acampamento, eu resolvi bater palma e pedir pra uma moradora do Acre uma banana, alguma coisa assim, só pra esconder a fome”, como Wladimyr não sabia o português, pediu que outro colega o acompanhasse, pois, já sabia se comunicar. No entanto, para o espanto de Wladimyr “era uma senhora de idade, ela apareceu na porta com uma vassoura e xingou a gente, xingou o povo haitiano! Disse que éramos macacos, que íamos roubar o lugar dos brasileiros. Eu nunca quis isso!”.

Wladimyr me contou que a partir dessa experiência traumática em que foi inclusive chamado de “macaco”, percebeu que as fronteiras do imaginário popular seriam difíceis de se corromper. Embora haja apoio de setores como das igrejas católica e evangélicas em recepcionar estes imigrantes, o que se tem percebido é que poucos são os incentivos do governo federal para auxiliá-los, o que os coloca em uma situação deplorável, sem saber onde recorrer.

Depois de seis dias que estava no acampamento, Wladimyr me disse que foi avisado de que representantes de um frigorífico do Paraná iriam fazer uma seleção de trabalhadores no outro dia. “Eu fiquei muito feliz! Era uma grande oportunidade de sair

do acampamento e de encontrar um trabalho que ia mudar não só a minha vida, mas a da minha família!”.

Wladimyr contou que no dia seguinte, antes de amanhecer acordou para tomar banho e aprender com seu colega algumas palavras no português para tentar impressionar o representante do frigorífico. “Pra quê né? Eles chegaram, a gente fez uma fila indiana, olhavam as mãos e as pernas, pra alguns pediram até pra tirar as camisas, perguntavam se a gente era acostumado a trabalho forte e se tinha família que esperava a gente no Haiti”.

Wladimyr narrou semelhanças de um processo ocorrido em 2019 mas que remete ao Brasil Colônia, período da escravidão no Brasil. Wladimyr me disse ter se surpreendido, pois, não imaginava que a seleção seria deste modo. Após terem selecionado mais de sessenta haitianos, pediram que se organizassem para deixar o acampamento o mais rápido possível e seguissem de ônibus até a cidade de Cascavel no Paraná, que era onde iriam trabalhar.

Wladimyr narrou que se por um lado se sentia feliz por ter sido escolhido, por outro, havia se sentido em uma espécie de “feira”, pois, não interessou ao contratante saber sobre suas experiências de vida, apenas sobre o quão poderia aguentar no trabalho, do qual Wladimyr já sabia que seria desgastante.

Em relação ao questionamento dos representantes sobre os familiares, trata-se de um mecanismo capaz de identificar quais serão os haitianos que ficaram nos piores cargos, como na desossa de frango, onde terão que efetuar movimentos repetitivos e extenuantes por minutos. Saber que há uma família que espera por ajuda financeira, faz com que muitos, como Wladimyr, persistam no trabalho ainda que sob muitas dificuldades.

Considerações finais

Diversos são os elementos possíveis de serem discutidos acerca da imigração haitiana para o Brasil. As fronteiras das quais propus elencar, são alguns dos embates vividos cotidianamente, desde a emigração, percurso da viagem e na condição de imigrantes no Brasil.

Há fatores que também merecem destaque que perpetuam as fronteiras físicas e imaginárias, como os bairros periféricos em que vivem nas cidades; as péssimas

condições de trabalho em que são submetidos e por falta de opções, aceitam; o convívio cotidiano em relação “aos outros”, entre demais aspectos.

O Brasil conforme salientou Schwarcz (2019) carrega em sua história a escravidão estruturada em suas raízes. Deste modo, há um pensamento segregacionista em relação aos negros e pobres, no caso dos haitianos vivenciam experiências ainda mais intensas, pois além de serem negros e pobres, são imigrantes.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

- 1) Benjamin, tinha 34 anos quando o entrevistei e estava trabalhando na construção civil na cidade de Cascavel. No Haiti também trabalhava na construção civil. Foi entrevistado em Julho de 2018.
- 2) Jean tinha 25 anos quando o entrevistei em Cascavel e trabalhava de repositor no Atacadão Liderança. No Haiti trabalhava na agricultura com sua família, trabalhou na Argentina de garçom. Foi entrevistado em junho de 2016.
- 3) Wladimyr tinha 35 anos quando o entrevistei em Cascavel e trabalhava no frigorífico da Copavel. No Haiti trabalhava de professor de matemática em escolas públicas. Foi entrevistado em julho de 2018.

Referências bibliográficas

BORTOLOTO, Claudimara C. **Migração e Trabalho na contemporaneidade: os haitianos no Oeste do Paraná**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2019.

CALEGARI, Jorge O. **Codemò: escravos sem grilhões: vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe**. Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

COGGIOLA, Osvaldo: Haiti: terremoto, colonização e resistência. In: **O olho da História**, n.14, Salvador, junho de 2010.

COTINGUIBA, Marília; COTINGUIBA, Geraldo. Fronteiras e aspectos do rito de mudança de categoria jurídico-política dos sujeitos haitianos em mobilidade transacional no Brasil. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Duval; SILVA, Sidney; ASSIS, Gláucia; CASTRO, Maria da Consolação; COTINGUIBA, Marília (orgs). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

FARIA, Andressa Virgínia. **A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de

Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Geografia- Tratamento da Informação Espacial. Belo Horizonte, BH: 2012.

FERNANDES, Duval. FARIA, Andressa. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. In: **R. bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.145-161, jan./abr. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

MAMED, Leticia. Trabalho, imigração e modernização dependente no Brasil: o recrutamento de haitianos pela agroindústria da carne. In: **ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABET**, São Paulo: 15 a 18 de setembro, 2015.

MAMED, Leticia. Haitianos na Amazônia: a morfologia da imigração haitiana pelo Acre e o horizonte de inserção precarizada no Brasil. In: **Ruris**. Volume 10. Número 1. P.73-111, Março, 2016.

MARTINS, José Renato; SOUZA, Maria Adélia; ARAUJO, Danielle Michelle; ZOMICANI JUNIOR, James. **Diáspora haitiana: da utopia à realidade**. Foz do Iguaçu- PR: Gráfica Grapel, 2014.

MINCHOLA, Luís Augusto B. Salaamaalekun Brasil: o fluxo migratório senegalês e sua acolhida. In: REDIN, Giuliana (org) **Imigrantes no Brasil: proteção dos direitos humanos e perspectivas político-jurídicas**. Curitiba: Juruá, 2015.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STEINMAN, Milton; GUMERA, Melissa; FERRETTI, Mario; ALMEIDA, Cristiane; IOSHIMOTO, MARIA; GUSMAN, Silvia, NETO, Miguel; SANTOS, Oscar; KANAMURA, Alberto; LOTTENBERG, Claudio. Terremoto no Haiti: uma experiência multiprofissional. In: **Einstein**. 9(1 Pt 1), 2011, 1-7.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “internacional comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2014.

SILVA, Sidney Antonio. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? In: **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**. Ano XXIII, n.44, p.119-134, jan/jun. 2015.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Humanitas/FAPESP nº44, vol. 22, 2002

Submetido em outubro de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.